

Educação Tradicional (Bancária) e Educação Progressiva (Problematizadora)

A história da educação se constitui de oposições teóricas, sendo que a ideia principal da educação tradicional é a de que se transmite o passado para o presente, como no passado fora desenvolvido modelos e regras de conduta na sociedade, a tarefa da educação era aliada a isso, transmitir uma educação moral constituída de hábitos de ação em conformidade com a realidade social.

Portanto, comparava-se a relação de que se tinha em casa, entre pais e filhos, com a relação entre professores e alunos. A conduta e a forma pela qual se ensinava em casa se assemelhavam ao ensino na escola. Por isso, a educação tradicional esperava a atitude de um aluno dócil, receptivo e obediente, que são características marcantes desse modelo educacional (DEWEY, 2011).

Assim como Dewey afirmava que a educação progressiva precisa ser humanista, Freire partiu do conceito de humanização, em que os homens precisavam se entender como pessoas, seres em si, com um trabalho livre e não alienado. A humanização é uma vocação humana que, nas relações de poder da sociedade hegemonicamente opressora, apresenta-se tolhida pelos homens e, nesse caso, caracteriza-se pela desumanização. Tanto essa quanto a humanização existem no mundo em resposta às relações de opressão e de seres oprimidos que, a partir de sua conscientização e “hominização³,” libertam-se e esforçam-se para que as relações sejam superadas (FREIRE, 2006).

A contradição humana pode ser identificada por Freire (2006) no momento em que os homens se libertam e passam a ser opressores, pois, diante da superação, têm medo da dualidade que os envolvem nessa relação, ficando entre a opressão e o oprimido, e acabam reproduzindo o modelo sofrido por eles. Ou seja, deixam de ser oprimidos para serem opressores, não havendo outra condição que não essas duas opções.

Freire (2006, p. 73) critica a educação que se pauta na “aula verbalista, nos métodos de avaliação dos conhecimentos, no chamado controle de leitura, na distância entre o educador e o educando”.

Na educação bancária, o trabalho do professor é o de “encher os educandos de conteúdos; é o de fazer depósitos de comunicados – falso saber” (FREIRE, 2006, p. 72). A educação é caracterizada pelo ato de encher recipientes considerados vazios, que são cheios pelo ato de depositar o conhecimento; ela poda a criatividade, a transformação, a reinvenção e a esperança dos educandos. Nega a educação e o conhecimento como processos de busca e, quanto mais se impõe passividade, tende-se a ver o mundo fragmentado, de acordo com os

³ Processo que acontece quando o homem humaniza o mundo (FREIRE, 2006).

pedaços de depósitos recebidos, onde essa represália à criatividade e reflexão discente caracteriza-se por um movimento de desumanização, no qual a alienação torna-se um modelo comum nas práticas docentes (FREIRE, 2006).

Por isso, a denominação de bancária, pois um banco recebe depósitos, ao mesmo tempo em que se considera o aluno destituído de conhecimentos, quem fará os depósitos será o professor que tem domínio, experiência e é detentor do saber. Então, a atividade docente bancária pode ser representada pela relação descrita por Freire entre o opressor e o oprimido, em que o opressor é o professor e o oprimido é o aluno. E a educação acontece por meio da transmissão do conteúdo e a repetição do conhecimento e modelos citados pelo professor.

Vamos lembrar de alguns exemplos que caracterizem a educação bancária?

Podemos pensar: como funcionam os grupos de educação em saúde nas Unidades Básicas de Saúde e nas Estratégias de Saúde da Família? Pode ser que nem todos sejam assim como descreveremos, mas até os autores do livro já o fizeram algum momento da prática assistencial. O enfermeiro reúne os usuários em uma sala apropriada, em que eles ficam sentados um atrás do outro em bancos únicos e longos; e então começa a falar sobre a temática, como se fossem normas a serem seguidas pelos usuários. Então, depois dessa atividade educativa, cada vez que o usuário vem na Unidade Básica, a equipe de saúde questiona se o usuário está seguindo as normas orientadas no grupo. Essa conformação em que o enfermeiro fica falando é o que Freire diz sobre método narrativo, e a cobrança da atitude do usuário, como fiscalização do saber aprendido.

Também, como exemplo dessa concepção, vamos imaginar o profissional de saúde em um hospital. Quando chega uma pessoa no pronto socorro com algum agravo de sua patologia, qual é a primeira pergunta que fazemos a ele? Por que ele não tomou a medicação corretamente? Pressupomos que o que foi dito a ele não foi seguido pelo paciente, e o cobramos, culpabilizando-o por não ter seguido as normas orientadas no serviço de saúde.

Quando um educador-professor trabalha o conteúdo sobre a legislação referente ao cuidado à criança e, nesse caso, o Estatuto da Criança e do Adolescente, e o professor propõe que os alunos decorem os artigos descritos na lei para que possam ser cobrados no momento da prova, tanto o método quanto a avaliação orientada pelo professor nos mostram uma concepção